

O agronegócio sob o ponto de vista de estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola do campo de Confresa/MT

Agribusiness from the point of view of students in the 3rd year of high school at a school in the countryside of Confresa/MT

Lo agronegocios desde el punto de vista de los estudiantes de 3º de escuela secundaria de un colegio del campo de Confresa/MT

Recebido: 22/12/2021 | Revisado: 30/12/2021 | Aceito: 01/01/2022 | Publicado: 02/01/2022

Wallytha Santos Ramos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8278-5694>
Instituto Federal do Mato Grosso, Brasil
E-mail: wallytha.sr@hotmail.com

Maria Aparecida Martins Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9045-1977>
Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Mato Grosso, Brasil
E-mail: cidastz@hotmail.com

Marcelo Franco Leão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9184-916X>
Instituto Federal do Mato Grosso, Brasil
E-mail: marcelo.leao@ifmt.edu.br

Resumo

A expansão do agronegócio tem levado a expropriação do homem do campo, fazendo-o, muitas vezes, abrir mão de direitos adquiridos com muita luta. Entre esses direitos podemos destacar a Educação do Campo, que só chegou ao meio rural no final do século XX. Este estudo tem como objetivo conhecer e compreender a opinião dos jovens do meio rural sobre o agronegócio e suas implicações ambientais e sociais, bem como sobre a importância da permanência dos pequenos agricultores familiares no campo. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Sol Nascente, no município de Confresa/MT. Essa escola do campo atende desde a Educação Infantil até o Ensino Médio e também a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Porém, para efeito de dados, a pesquisa deu ênfase apenas aos estudantes concluintes do Ensino Médio, buscando o conceito e o conhecimento dos mesmos com relação à chegada do agronegócio na região. Participaram da pesquisa 7 estudantes do 3º ano do Ensino Médio. Um questionário constituído por 6 questões foi utilizado como instrumento de coleta de dados. Com os resultados obtidos, foi possível perceber que a visão dos jovens, com relação à expansão do agronegócio, ainda é entendida como algo positivo que valoriza as propriedades da região e dinamiza a economia. Não o veem como causador da saída do homem do campo, contudo, compreendem os efeitos e impactos ambientais causados pela expansão do agronegócio.

Palavras-chave: Agronegócio; Educação do campo; Percepção dos estudantes.

Abstract

The expansion of agribusiness has led to the expropriation of rural people, making them, many times, give up acquired rights with a lot of struggle. Among these rights, we can highlight the Education of the Country, which only reached the rural environment in the late 20th century. This study aims to understand and understand the opinion of young people from rural areas about agribusiness and its environmental and social implications, as well as about the importance of the permanence of small family farmers in the countryside. The research was carried out at the Sol Nascente State School, in the city of Confresa/MT. This country school serves from Kindergarten to High School and also Youth and Adult Education (EJA). However, for data purposes, the research emphasized only high school seniors, seeking their concept and knowledge regarding the arrival of agribusiness in the region. Seven students from the 3rd year of high school participated in the research. A questionnaire consisting of 6 questions was used as a data collection instrument. With the results obtained, it was possible to perceive that the vision of young people, in relation to the expansion of agribusiness, is still understood as something positive that values properties in the region and boosts the economy. They do not see it as the cause of man's departure from the countryside, however, they understand the environmental effects and impacts caused by the expansion of agribusiness.

Keywords: Agribusiness; Countryside education; Students' perception.

Resumen

La expansión de lo agronegocios ha llevado a la expropiación de la población rural, haciéndoles, muchas veces, renunciar a derechos adquiridos con mucha lucha. Entre estos derechos, podemos destacar la Educación del País, que recién llegó al medio rural a fines del siglo XX. Este estudio tiene como objetivo comprender y comprender la opinión de los jóvenes del medio rural sobre la agroindustria y sus implicaciones ambientales y sociales, así como sobre la importancia de la permanencia de los pequeños agricultores familiares en el campo. La investigación se llevó a cabo en la Escuela Estatal Sol Nascente, en la ciudad de Confresa / MT. Esta escuela rural sirve desde jardín de infantes hasta la escuela secundaria y también educación para jóvenes y adultos (EJA). Sin embargo, para propósitos de datos, la investigación enfatizó solo a los estudiantes de último año de secundaria, buscando su concepto y conocimiento sobre la llegada de los agronegocios a la región. En la investigación participaron siete estudiantes de 3° de bachillerato. Se utilizó un cuestionario de 6 preguntas como instrumento de recolección de datos. Con los resultados obtenidos, se pudo percibir que la visión de los jóvenes, en relación a la expansión de la agroindustria, aún se entiende como algo positivo que valora las propiedades en la región e impulsa la economía. No lo ven como la causa de la salida del hombre del campo, sin embargo, comprenden los efectos e impactos ambientales que genera la expansión de lo agronegocios.

Palabras clave: Agronegocios; Educación rural; Percepción de los estudiantes.

1. Introdução

A agricultura e o extrativismo são as atividades mais primitivas desenvolvidas pelo homem. Ao longo dos tempos, com o desenvolvimento social e tecnológico, percebe-se que essas práticas passaram por mudanças significativas. No primeiro momento, as atividades agrícolas eram para o homem apenas uma forma de conseguir o seu alimento, uma forma de sobrevivência.

Com o crescimento populacional e com os avanços tecnológicos, a agropecuária passou por mudanças para atender as demandas sociais. A terra, que é a base para todas as atividades agrícolas, passou a ser alvo de conflitos e disputas, principalmente pela má distribuição, ou seja, na mão de poucos estariam concentradas grandes quantidades de terras. No Brasil não é diferente essa problemática de concentração fundiária, sendo que a desigualdade na distribuição de terras deu origem ao latifúndio (Silva et al., 2014).

Em seus estudos, Lazzari e Souza (2017) apontam que a desigualdade na divisão e posse de terras foi reafirmada com a “aplaudida” e “comemorada” modernização do campo. Essa modernização chegou ao campo principalmente após a Revolução Verde, o que ocorreu por volta de 1970. Como efeito, muitas concepções de práticas tradicionais foram abandonadas e passaram a dar lugar a uma atividade que tem relação direta com a indústria.

As novas ideias e concepções advindas da modernização do campo abriram caminhos para que, em 1990, o agronegócio se popularizasse então no Brasil (Fernandes, 2018). “O setor de agronegócio se mostra estratégico no Brasil por possuir uma série de condições favoráveis ao desenvolvimento da agropecuária” (Alves et al., 2019, p. 4).

A palavra agronegócio deriva do termo inglês agribusiness, que vem “designando um conjunto de atividades agropecuárias em grande escala desenvolvida em grandes extensões de terras” (Sauer, 2008, p. 14). Nesse sentido, o termo refere-se, a todo o processo de produção, processamento, armazenamento e distribuição dos produtos agrícolas.

Hoje no Brasil o agronegócio tem grande importância econômica, pois sua participação no Produto Interno Bruto (PIB) nacional chegou a 23,5% em 2017 (CNA, 2017). Apesar de sua considerável relevância para o desenvolvimento econômico do país, o agronegócio traz uma dualidade conforme afirma Bezerra (2009, p. 122): “[...] ora encontramos posições favoráveis ao agronegócio como responsável por dinamizar a estrutura de emprego das regiões onde se instala ora uma visão na qual sustenta sua oposição ao modelo do agronegócio quando este é responsável pelo processo de expropriação e exploração dos camponeses e trabalhadores rurais e da própria reprodução do trabalho escravo”.

Não é possível negar essa realidade do campo no Brasil. Porém, a expansão do agronegócio em todo território nacional tem levado o homem do campo, mais especificamente os pequenos agricultores, a se desfazerem de suas terras,

muitas delas conquistadas por meio de lutas e reivindicações dos movimentos sociais.

Quando se fala em expansão do agronegócio, principalmente produção de soja, algodão e milho, o estado de Mato Grosso se destaca. Esse alargamento das fronteiras agrícolas “é festejado pelo governo e pelos empresários do setor, criando uma expectativa de progresso (Barrozo, 2016, p. 184)”.

A região Norte Araguaia de Mato Grosso vivencia exatamente esse momento de expansão do agronegócio. Historicamente, essa é uma região que já foi palco de muitos conflitos sobre a questão fundiária. A reocupação dessas terras, já ocupadas por ribeirinhos e indígenas, aconteceu por incentivo do governo e a maneira como isso aconteceu impulsionou uma série de conflitos entre agricultores e fazendeiros.

Nos anos de 1980, a região passou por modificações importantes em seus aspectos econômicos, sociais e políticos e os povos ganhavam novas configurações. Isso foi entendido como o início do “progresso”. Paralelamente à chegada do “progresso”, cresciam os problemas sociais e as disputas pela Terra. A prelazia, juntamente com as organizações dos trabalhadores rurais, em todos os povoados da região, entendeu a importância da escola na luta do povo. Desse modo, ao lado da luta pela Reforma Agrária, desencadeou-se também a luta por educação, saúde, e assistência social (Souza & Machado, 2017, p. 222).

O outro lado da moeda, advinda dessa crescente expansão do agronegócio, tem levado a expulsão de muitos agricultores familiares do campo e enquanto isso acontece, direitos conquistados por meio de lutas, também estão sendo perdidos. Um deles é a educação, que já chegou tardiamente ao meio rural, apenas no final do século XX, e com isso a identidade do povo do campo vai desaparecendo dando lugar a grandes fazendas e ao tão sonhado “progresso”.

De maneira geral, levando para o contexto nacional, esse direito à educação sempre foi restrito, uma vez que as pessoas do campo historicamente eram excluídas, pois a criação das escolas e seu acesso sempre foram direcionados para a classe dominante, ou seja, a elite (Arroyo & Fernandes, 1999). Contudo, essa triste situação foi aos poucos mudando, e a Educação do Campo começou a ganhar visibilidade e legalidade com a Constituição Cidadã (Brasil, 1988) e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), instituída pelo N° 9.394 (Brasil, 1996).

“A Educação do Campo nasceu das lutas da classe trabalhadora camponesa organizada, principalmente, como movimentos sociais que buscam um projeto educacional na forma de política pública, e que respeite os interesses dos diversos sujeitos coletivos que fazem do campo o seu território de vida” (Santos, 2017, p. 72).

Em meio a esse contexto de adversidades e exclusão, nas últimas décadas do século XX houve uma movimentação em busca de uma educação voltada para as pessoas do campo e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) foi importantíssimo nessa luta, pois, se mobilizou em busca desse direito. Nas palavras de Nascimento e Leão (2021, p. 1): “A Educação do Campo é uma modalidade de ensino, conquistada por movimentos sociais, voltada para atender as especificidades de pessoas residentes da zona rural”. Conforme já mencionado anteriormente por Souza e Machado (2017), na região Norte Araguaia, a Igreja (Prelazia) teve papel significativo nessa luta para a conquista do direito à educação ao homem do campo.

Na atualidade, é fato que as escolas chegaram ao campo, entretanto, a expansão e o alto investimento do agronegócio, leva muitos pequenos agricultores a se desfazerem de suas propriedades conquistadas com tanta luta, abrindo mão de direitos como, entre eles o direito a educação em suas especificidades, que é a Educação do Campo (Silva, 2011).

Nas palavras de Caldart (2012, p. 263), a Educação do Campo “constitui-se como luta social pelo acesso dos trabalhadores do campo à educação (e não a qualquer educação) feita por eles mesmos e não apenas em seu nome”. Em outras palavras, a Educação do Campo traz, em sua essência, um currículo que considera as características de cada local, bem como também os saberes ali presentes.

Diante do contexto de expansão do agronegócio na região Norte Araguaia, este estudo teve como objetivo conhecer e compreender a opinião de estudantes do 3° ano do Ensino Médio da Escola Estadual Sol Nascente sobre o agronegócio e suas

implicações ambientais e sociais. Cabe ressaltar que o público escolhido é constituído por jovens do meio rural, concluintes do Ensino Médio, por isso a proposta de reflexão sobre a importância da permanência dos pequenos agricultores familiares no campo.

2. Procedimentos Metodológicos

O presente estudo é caracterizado como uma pesquisa descritiva e exploratória, de abordagem qualitativa, que coletou informações à campo por meio de um questionário, cujos dados foram analisados de maneira subjetiva. Ou seja, o estudo permitiu realizar comparações entre os resultados obtidos na pesquisa com a literatura disponível priorizando a subjetividade (Gil, 2008). De acordo com Gil (2010), a realização de uma pesquisa envolve a opção de métodos e técnicas organizadas para alcançar os objetivos do estudo, contudo, antes mesmo de coletar dados é preciso estabelecer o referencial teórico sobre o assunto, ou seja, recorrer ao conhecimento acumulado sobre a temática.

Após os estudos teóricos sobre o assunto, a pesquisa foi realizada na Escola Estadual Sol Nascente, no município de Confresa/MT, que fica localizada na zona rural, no Assentamento Confresa Roncador Agrovila Lumiar, Km 45, s/n. A região na qual a escola está localizada tem como principais atividades agrícolas a agricultura e a pecuária.

De maneira geral, todos os estudantes dessa escola têm relação direta com a vida no campo, pois são descendentes de produtores rurais, pequenos agricultores que vivem na terra e dela tiram seu sustento. A escolha da escola para a realização da pesquisa se deu justamente por ser uma escola localizada na zona rural, ou seja, que oferece atendimento especializado na modalidade da Educação do Campo, e por estar inserida em uma região que aos poucos percebe-se, a expansão de fazendas com objetivo do agronegócio.

A Escola Estadual Sol Nascente, ilustrada da Figura 1, possui corpo discente oriundos da zona rural, sua proposta pedagógica busca fortalecer vínculos entre a escola e a família, valorizando do homem do campo e fortalecendo o regionalismo, na busca do desenvolvimento local sustentável levando em conta a solidariedade humana.

Figura 1. Escola Estadual Sol Nascente, Confresa/ MT.



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2019).

Ao observar a Figura 1, percebe-se que a escola possui uma boa estrutura física, aparentemente nova e conservada. De acordo com o documento oficial, essa escola tem como missão estimular e apoiar a agricultura familiar buscando incorporar novas culturas economicamente viáveis e ecologicamente sustentáveis para a região, respeitando a cultura, tradições e conhecimentos acumulados dos trabalhadores (PPP, 2014).

Cabe ressaltar que a Escola Estadual Sol Nascente atende desde a Educação Infantil até o Ensino Médio e também oferta outra modalidade que é a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Porém, para efeito de dados a pesquisa, deu ênfase apenas aos estudantes do 3º ano do Ensino Médio regular, buscando o conceito e o conhecimento dos mesmos com relação à chegada do agronegócio na região. Os sujeitos da pesquisa foram 7 (sete) estudantes do 3º ano do Ensino Médio, sendo destes 4 estudantes do sexo feminino e 3 estudantes do sexo masculino.

A primeira etapa da investigação consistiu em fazer leituras de publicações sobre a conquista do direito à Educação do Campo perpassando o cenário nacional e regional, e também sobre a crescente expansão do agronegócio. Depois disso, foi elaborado o questionário que posteriormente foi respondido pelos estudantes, mais especificamente no mês de novembro de 2018.

A pesquisa embasa-se nas questões que se subscrevem na seguinte ordem: 1) Você percebe a expansão do agronegócio na região? 2) O que você acha dessa chegada e expansão do agronegócio? 3) Na sua opinião quem coloca o alimento na mesa dos brasileiros? 4) O agronegócio traz apenas benefícios para a região? 5) Na sua opinião o agronegócio tem levado as pessoas a saírem do campo? 6) Onde você consegue perceber menores impactos ambientais?

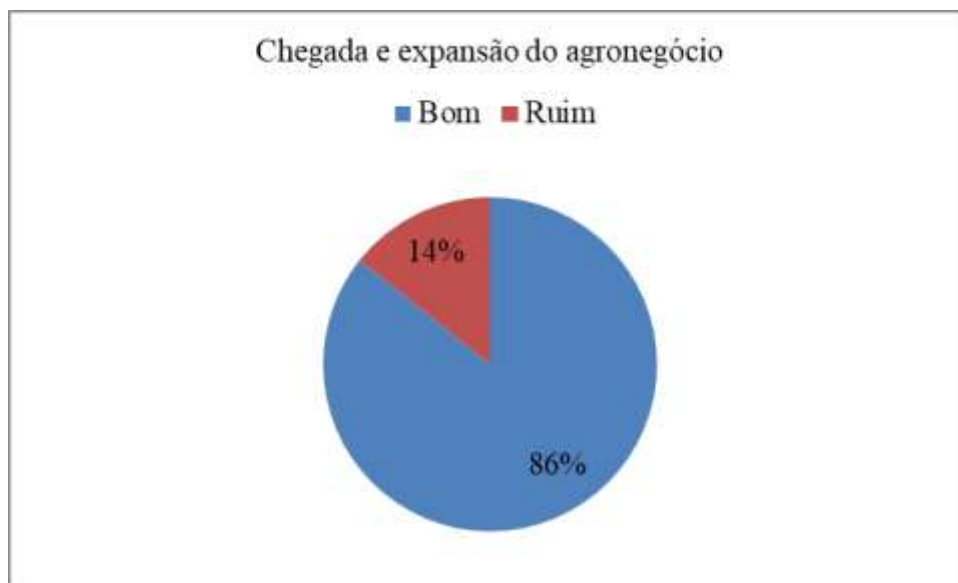
As perguntas foram feitas da mesma maneira e ordem a todos. Para análise dos dados, os nomes foram substituídos por letras do alfabeto (A, B, C, D, E, F, G, H, I), garantindo o anonimato dos sujeitos da pesquisa. A organização dos dados ocorreu por agrupamento de respostas semelhantes, de maneira a ser possível quantificar as respostas em duas grandes categorias em cada questionamento. Essa técnica de categorização por agrupamento e frequência foi baseada em Bardin (2012).

3. Resultados e Discussão

Ao analisar as respostas da 1 questão é possível identificar que todos os estudantes percebem a chegada e a expansão do agronegócio na região. Essa não é uma realidade difícil de perceber, pois ao sair do perímetro urbano dos municípios, logo se depara com plantações de milho ou soja, “que chegou sorrateiramente na região e, agora, se expande rapidamente” (BARROZO, 2016, p. 173).

Os gráficos abaixo demonstram os dados que foram obtidos com esta pesquisa analisando as respostas dadas às questões 2, 3, 4, 5 e 6. No Gráfico 1, é possível perceber as manifestações dos estudantes sobre a expansão do agronegócio, se consideram algo positivo ou negativo.

Gráfico 1. Manifestações dos estudantes sobre a expansão do agronegócio.



Fonte: Dados coletados na pesquisa (2018).

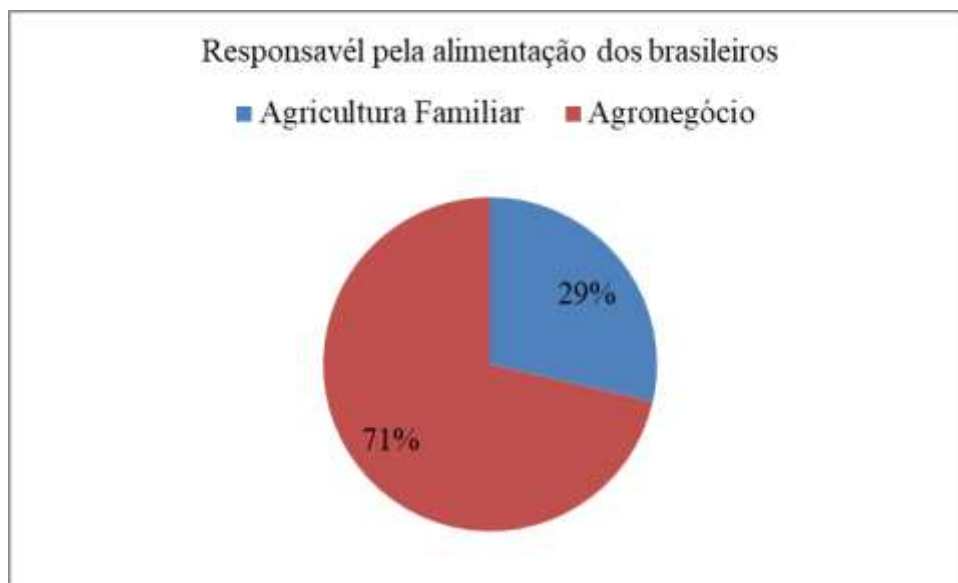
O Gráfico 1 retrata que para 86% dos investigados que participaram da pesquisa (6 estudantes), a chegada e expansão do agronegócio na região é entendida com algo bom que traz benefícios, gerando empregos e valorizando as propriedades da região. Já os 14% (1 estudante) que indicou como algo ruim fez referência à retirada de algumas pessoas do campo e aos impactos ambientais.

Nesse sentido, Bezerra (2009) e Barrozo (2016) apontam que em torno do agronegócio possuem uma dualidade, provocado por impactos positivos e negativos. Para os autores os impactos positivos, ou benefícios, estão relacionados à dinâmica econômica, trazendo empregos e empresas para a região. Dentro desse contexto vale ressaltar que esses empregos acabam atendendo uma parcela muito pequena de pessoas tendo em vista um sistema de produção mecanizado com pouca mão de obra.

Referente aos pontos negativos destaca-se a saída das pessoas do campo, deslocando-se para áreas urbanas. Aqui é interessante notar que, para os autores isso é preocupante, no entanto entre os pesquisados apenas 1 estudante têm essa percepção. Esse dado traz a importância de se fazer uma reflexão sobre a importância da permanência dos pequenos agricultores familiares no campo, buscando a sensibilização dos mesmos.

No Gráfico 2 é possível perceber as manifestações dos estudantes sobre qual setor é responsável por produzir alimentos para a população, se a agricultura familiar ou agronegócio.

Gráfico 2. Manifestação sobre a produção de alimentos para a população.



Fonte: Dados coletados na pesquisa (2018).

O agronegócio e a agricultura familiar integram, em sua conjuntura total, partes muito importantes para a economia brasileira, tanto na produção de alimentos para consumo interno como para a exportação. No tocante aos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros, 71% dos investigados (5 estudantes) acreditam que, veem do agronegócio, enquanto a agricultura familiar é responsável por apenas 29% (2 estudantes) dos alimentos, como é possível observar no gráfico abaixo.

Apesar de o agronegócio movimentar a economia brasileira, pode se considerar que a base dos alimentos que chegam à mesa vem da agricultura familiar e isso se deve em grande parte pela preferência à exportação dos produtos. Por outro lado, as mudanças ocorridas no campo nos últimos anos têm interferindo no cenário da produção de alimentos culturalmente de base familiar.

Serenini e Malysz (2014), em seu trabalho sobre a importância da agricultura familiar na produção de alimentos, destacam que, apesar das transformações ocorridas no meio rural com a modernização do campo, a agricultura familiar tem cumprido seu papel na produção de alimentos.

No entanto, ao referir-se as transformações ocorridas no meio rural, como mencionado acima, torna se um desafio para agricultura familiar continuar cumprindo esse papel, tendo em vista os avanços tecnológicos e a crescente produção com o objetivo de exportação. Nesse sentido, baseado nos estudos de Barrozo (2016), percebe-se que, à medida que se expande áreas de cultivo em grande escala a um decréscimo na produção dos alimentos de base da agricultura familiar.

No Gráfico 3 são apresentados os resultados referentes a avaliação do agronegócio, se beneficia ou não a região.

Gráfico 3. Avaliação do agronegócio.



Fonte: Dados coletados na pesquisa (2018).

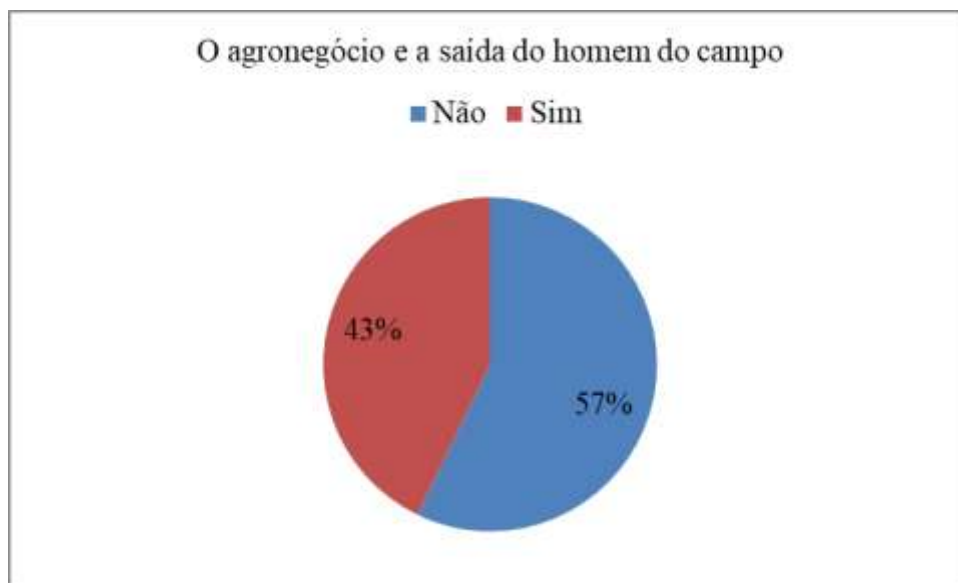
Ao analisar o gráfico 3, percebe-se que, apesar dos estudantes enxergarem a chegada do agronegócio na região como algo bom, compreendendo sua dinâmica na economia local e nacional, eles também compreendem que o agronegócio não traz apenas benefícios. Nesse sentido, consideram também os impactos ambientais como, o desmatamento e a poluição dos rios.

Essa dinâmica na economia, compreendida pelos estudantes pela importante participação no PIB nacional e a possível geração de empregos, também apontada por Bezerra (2009) está relacionada ao fato do agronegócio designar todo o conjunto de atividades agropecuárias (SAUER, 2008), e isso abre um leque de possibilidades para a chegada de novas empresas na região. O fato é que, olhando do ponto de vista econômico a modernização do campo trouxe benefícios para o país, porém esse crescimento econômico não alcançou a todos da mesma forma (Silva et al., 2014), e é por isso que Barrozo (2016, p. 185) diz que o setor “produz riquezas e pobreza”.

Por outro lado, os estudantes destacam as questões ambientais. Lazarri e Souza (2017), também apontam dentro das questões ambientais a poluição das águas, a desertificação do solo e o desmatamento como um problema causado pela produção em larga escala. Essa questão leva a reflexão de que, a expansão do agronegócio não traz apenas benefícios, mas que provoca impactos ambientais e sociais diversos.

O Gráfico 4 apresenta o posicionamento dos estudantes referente aos impactos sociais causados pela expansão do agronegócio.

Gráfico 4. Posicionamento sobre os impactos sociais.



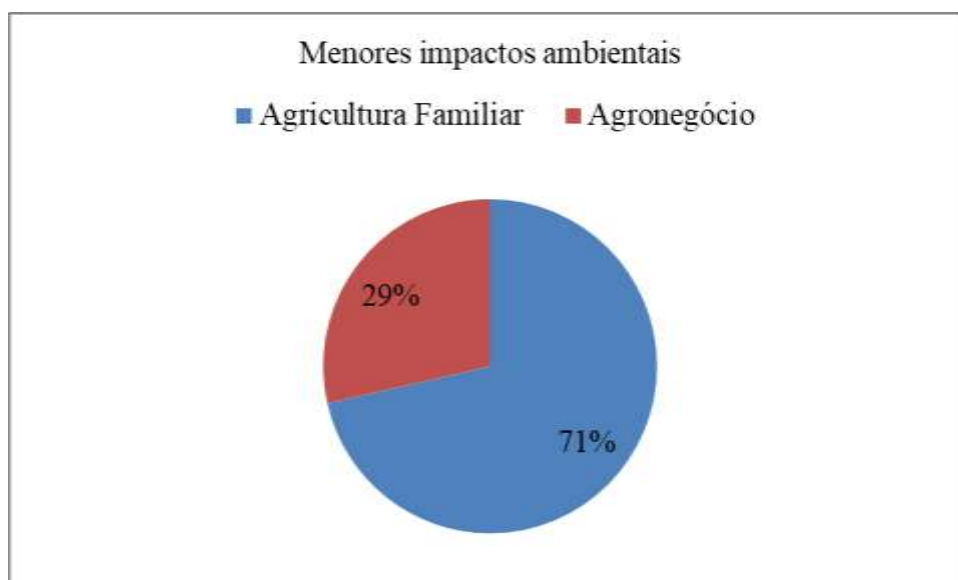
Fonte: Dados coletados na pesquisa (2018).

Sobre os impactos sociais, foi possível perceber que os jovens ficaram bem divididos. O gráfico 4 deixa isso claro, pois para 43% dos jovens (3 estudantes) o agronegócio tem levado as pessoas a saírem do campo enquanto para os outros 57% dos jovens (4 estudantes) o agronegócio não é considerado o responsável por essa saída do homem do campo.

Em torno dessa questão, como já foi citado anteriormente, existe um debate. E uma das vertentes deste debate está pautada na posição que sustenta que o agronegócio é sim, um considerável fator para a expropriação do homem do campo. Para Barrozo (2016), esse sistema de produção é excludente e por isso, agricultores familiares abrem mão de suas propriedades, o que é vista por Silva; Aquino; Silva (2014) como o resultado dessa agricultura moderna.

O Gráfico 5 apresenta os resultados obtidos por meio da última questão, na qual foram questionados em qual dos dois sistemas de produção percebiam menores impactos ambientais.

Gráfico 5. Posicionamento sobre impactos ambientais.



Fonte: Dados coletados na pesquisa (2018).

Como é possível observar, 71% (5 estudantes) consideram que os menores impactos ambientais acontecem na agricultura familiar. Logo, a percepção dos estudantes é fundamentada por concepções de autores como Lazarrí e Souza (2017) e Barrozo (2016) que acreditam que a modernização do campo, a produção em larga escala e a expansão do agronegócio provocam diversos impactos ao meio ambiente e essa visão está relacionada principalmente a pontos como o desmatamento, a utilização de práticas intensivas e o excesso no uso de agrotóxicos e/ou defensivos agrícolas.

Claro que ao fazer referência a questões de impactos ambientais não é plausível colocar toda a responsabilidade no agronegócio. A agricultura familiar também tem sua parcela de contribuição, porém, são propriedades de área menores que produzem em menor escala e não se dedicam apenas a uma atividade agrícola, como a monocultura. Em síntese pode se dizer que os dois setores se opõem no tangente as formas e objetivos da produção.

4. Considerações Finais

Após a análise dos dados coletados por meio da pesquisa realizada percebe se que na visão dos jovens estudantes, que participaram da pesquisa, à expansão do agronegócio é entendida como algo positivo que traz o “Progresso”, que dinamiza a economia regional e nacional, no entanto, os jovens também compreendem os impactos ambientais causados pelas atividades desenvolvidas nesse sistema de produção.

Ao que se refere aos impactos sociais referentes à expropriação e saída do homem do campo, para os estudantes o agronegócio não é entendido como um vilão. E neste sentido percebe-se, que os jovens não tem uma percepção total da importância da permanência do homem, pequeno produtor, no campo. Que para conseguir esse direito muito teve que se lutar, buscando outros direitos que lhes proporcionassem a permanência no campo.

Um destes direitos é a própria Educação do Campo, com escolas que tem em sua essência, um currículo que considera as características de cada local, bem como também os saberes ali presentes, tendo o objetivo de um ensino voltado para atender as necessidades dos que ali vivem não deixando de lhes apresentar um mundo de caminhos e possibilidades.

Para estudos futuros, sugere-se que investigações com os demais estudantes e até com professores e pais que constituem essa comunidade escolar, além de pessoas que atuam no agronegócio, possibilite levantar mais características dessa realidade, uma vez que serão diferentes pontos de vista por envolver outros atores dessa localidade. Uma outra sugestão é realizar o estudo com estudantes da mesma etapa de escolarização, porém de outras escolas do campo, ou ainda com estudantes de escolas urbanas e fazer a comparação.

Agradecimentos

Ao Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) Campus Confresa, pela formação proporcionada por meio do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação do Campo e por fornecer auxílio financeiro para a publicação do artigo.

Referências

- Alves, M. de A. R., Conejero, M. A., & César, A. da S. (2019). Challenges and Innovations in Agribusiness Technology Based Incubators: A case study of Ineagro. *Research, Society and Development*, 8(5), e1985935. <https://doi.org/10.33448/rsd-v8i5.935>
- Arroyo, M. G. & Fernandes, B. M. (1999). *A educação básica e o movimento social do campo*. Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo. Brasília, DF. n° 2.
- Bardin, L. (2012). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barrozo, J. C. (2016). *Araguaia: o (des)encontro de diferentes agentes sociais*. EdUFMT.
- Bezerra, J. E. (2009). Agronegócio e ideologia: contribuições teóricas. *Revista Nera*. 12(14), janeiro/junho.

- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Presidência da República. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm
- Brasil. (1996). *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Leis de Diretrizes e Bases da Educação, Brasília, DF, dez 1996. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm
- Caldart, R. S. (2012). Educação do Campo. In: *Dicionário da Educação do Campo*. Orgs: Caldart, R. S.; Pereira, I. B.; Alentejano, P.; Frigotto, G. Ed. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Ed. Expressão Popular.
- Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil - CNA. (2019). PIB do Agronegócio. https://www.cnabrazil.org.br/assets/arquivos/pib_agronegocio_balanco_2017.pdf
- Fernandes, B. M. (2008). *Educação do Campo e Território Camponês no Brasil*. In.: Santos, C. A. dos (Org.). *Campo. Políticas públicas: educação*. Brasília: Inca-MDA, pp. 67-86. (Por uma Educação do Campo, n. 7. Coleção).
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra (Coleção Leitura).
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas.
- Lazzari, F. M.; Souza, A. S. (2017). *Revolução verde: impactos sobre os conhecimentos tradicionais* In: 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede. Santa Maria: UFSM.
- Nascimento, M. M. do, & Leão, M. (2021). Agricultural Sciences in Rural Education: An Investigative Study at the Procópio Faria Town School of Vila Rica/MT. *Research, Society and Development*, 10(8), e2210817009. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i8.17009>
- PPP. (2014). *Projeto Político Pedagógico*. Escola Estadual Sol Nascente. SEDUC/MT.
- Sauer, S. (2008). *Agricultura familiar versus agronegócio: a dinâmica sociopolítica do campo brasileiro*. Embrapa Informação Tecnológica; Brasília, DF.
- Santos, A. R. dos. (2017). Educação do Campo e Agronegócio: Território de Disputas. *Educação em Revista*, Marília, 18(2), 71-90.
- Serenini, M. J.; & Malysz, S. T. (2014). *A importância da agricultura familiar na produção de alimentos*. Serenini, M. J (Org.). Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE.
- Silva, J. I. da; Aquino, J. E. de; & Silva, C. N. M. da. (2014). A origem do latifúndio e as consequências de sua consolidação. *GEOTemas. Pau dos Ferros*, Rio Grande do Norte, Brasil, 4(1), 53-61.
- Silva, S. (2011). O Movimento de Educação do/no Campo Pressupostos Fundamentais. *Educação em Revista*. 12(12), 7-22.
- Souza, M. de L.J. de; & Machado, I. F. (2017). *Pegadas da Educação do Campo na região do Araguaia-MT*. In: Soares, L. A. B.; Araújo, M. S. S.; Zattar, N. B. da S. (Org.). *Territórios do Araguaia: entre a palavra poética e o gesto político*. Ed. UNEMAT.